

Sobre a construção *ir a* + Infinitivo em Português Europeu

Luís Filipe Cunha^{1,2}

¹Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto, Portugal

²Universidade do Porto, CLUP¹, Porto, Portugal

Abstract

Differently from e.g. Spanish, European Portuguese has two analogous but quite independent constructions incorporating the verb *ir* (to go) that point to the future realisation of an eventuality. In both cases, *ir* may retain most of its lexical properties or it may arise in constructions that have undergone a lower or greater degree of grammaticalization. The main goal of this paper is to compare the behaviour of these two structures, namely *ir* ('go') + Infinitive, which consistently conveys a temporal relation of posteriority, and its *ir* ('go') *a* + Infinitive counterpart, which seems to carry aspectual information of prospectivity. As a temporal operator, *ir* ('go') + Infinitive combines with all kinds of eventualities and occurs with different prospective temporal adverbials; on the other hand, as an aspectual operator establishing a preliminary state, *ir* ('go') *a* + Infinitive is completely incompatible with statives, is anomalous with long distance future temporal adverbials and demands the presence of another event in order to ensure the requirement of "present relevance".

Keywords: *ir* ('go') (*a*) + Infinitive, future tense, prospective aspect, grammaticalization.

Palavras-chave: *ir* (*a*) + Infinitivo, tempo futuro, aspeto prospetivo, gramaticalização.

1. Introdução

No Português Europeu coexistem duas estruturas que, apesar de formalmente muito semelhantes, manifestam, em determinados contextos, diferenças bastante significativas. Referimo-nos às construções *ir* + Infinitivo, de uso generalizado sobretudo no que diz respeito à expressão do tempo futuro e que tem sido alvo de bastante atenção por parte da literatura (cf. (1)-(2)), e *ir a* + Infinitivo, que, embora muito menos frequente, apresenta, ainda assim, variadas possibilidades interpretativas (cf. (3)-(4)).²

- (1) A Igreja do Museu da Conceição, em Beja, vai ouvir um concerto de câmara pela Orquestra Sinfónica 91, que inclui músicos de todas as escolas de música portuguesas. (*CetemPúblico*, par=ext186215-soc-91b-2)
- (2) Rabin vai apresentar algumas propostas a Clinton, para tentar salvar o processo de paz israelo-árabe, mas as esperanças diminuem à medida que aumentam as tensões regionais. (*CetemPúblico*, par=ext177004-pol-93a-2)
- (3) Um deles vai a ouvir o futebol em ondas curtas. (*CetemPúblico*, par=ext1169322-soc-92b-1)
- (4) A posta alta é ligeiramente frita e vai a gratinar ao forno sobre cebola estalada coberta com maionese, separada do peixe por rodelas finíssimas de cenoura. (*CetemPúblico*, par=ext36078-soc-94b-1)

¹ A presente investigação foi apoiada por fundos nacionais portugueses e por fundos comunitários europeus atribuídos pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia ao Centro de Linguística da Universidade do Porto através do programa de financiamento FCT-UIDB/00022/2020.

² Para o presente trabalho recorreremos tanto a exemplos reais, retirados de *corpora* – nomeadamente do *Corpus CetemPúblico*, disponível online em www.linguateca.pt – e de páginas da Internet, quanto a exemplos fabricados e manipulados por nós, imprescindíveis quando se trata de isolar certas variáveis que desempenham um papel fulcral nas nossas propostas de análise.



Se é certo que, no que diz respeito à sua configuração morfossintática, estas duas construções se revelam muito próximas, não deixa, contudo, de ser verdade, como teremos oportunidade de demonstrar ao longo do presente trabalho, que elas diferem consideravelmente no que se refere às suas propriedades semânticas.

Assim, o objetivo central a que nos propomos será o de fornecer uma descrição do comportamento linguístico manifestado pela estrutura *ir a* + Infinitivo no Português Europeu em diversos contextos, com vista a fornecer uma caracterização semântica tão adequada quanto possível para esta construção, procurando estabelecer, por outro lado, uma comparação sistemática com a forma *ir* + Infinitivo, com a qual compartilha algumas características fundamentais.

Um dos pontos de convergência que se podem observar entre as duas estruturas em questão prende-se com o facto de ambas manifestarem leituras em que *ir* conserva ainda propriedades típicas do seu valor lexical de origem, a par com interpretações em que o processo de gramaticalização se encontra já claramente mais avançado.³

No entanto, tanto nos casos em que *ir* preserva algumas das suas propriedades lexicais básicas quanto nos casos em que assume uma função predominantemente gramatical, as duas configurações que aqui serão alvo da nossa análise revelam particularidades próprias que nos forçam a considerá-las como estruturas perfeitamente autónomas.

No sentido de levar a cabo os propósitos expostos e de justificar as premissas a que acabámos de aludir, começaremos, na secção 2, por clarificar os critérios que nos permitem distinguir as interpretações em que *ir* se comporta como um item lexical de pleno direito daquelas em que desempenha um papel eminentemente gramatical. Seguidamente, estabeleceremos uma comparação sistemática entre as duas estruturas que aqui nos ocupam, i.e., *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo, destacando as semelhanças que as aproximam e as diferenças que as separam. Finalmente, procuraremos relacionar os comportamentos linguísticos observados com as principais propriedades semânticas que proporemos para a caracterização das construções em causa.

2. *Ir* lexical e *ir* gramaticalizado: contextos de ocorrência

Como já referimos anteriormente, tanto *ir* + Infinitivo quanto *ir a* + Infinitivo podem ocorrer em dois tipos de configurações que exibem características muito distintas: uma em que o verbo *ir* preserva algumas das suas mais relevantes propriedades lexicais de origem e outra em que se encontra numa fase claramente mais avançada do processo de gramaticalização, tal como definido e descrito, por exemplo, em Fleischman (1982), em Hopper & Traugott (2003) ou em Lima (2001).

Importa, pois, antes de prosseguirmos com a comparação entre as construções em apreço, proceder à distinção entre os contextos em que *ir* manifesta (pelo menos algumas das suas propriedades lexicais básicas e aqueles em que se torna mais evidente a sua gramaticalização.

Para tal, apresentaremos, em seguida, alguns critérios distintivos, tomando como ponto de partida trabalhos como os de Rodrigues (2011) ou de Cunha (2015, 2016).

Dado que, tradicionalmente, *ir* é considerado um verbo que exprime movimento, será de prever que as construções que preservam a sua identidade lexical de base se revelem compatíveis com Sintagmas Preposicionais (ou outras expressões equivalentes) que, de alguma forma, remetam para a direcionalidade ou para a orientação no domínio espacial, introduzidos, por exemplo, por *a*, por *para* ou por *até* (vejam-se, e.g., Leal & Oliveira, 2008; Leal, Oliveira & Silvano, 2018):

- (5) O João vai ouvir música para o quarto.
- (6) O João vai a ouvir música para o quarto.

³ Não é nosso propósito descrever aqui as diferentes fases do processo evolutivo que conduziu o verbo pleno *ir* às formas gramaticalizadas correspondentes nem tão-pouco discutir o estatuto categorial (de auxiliar ou de semiauxiliar) que lhe deve ser atribuído. Para o primeiro destes problemas, vejam-se, entre outros, Fleischman (1982) ou Lima (2001). Para o segundo, vejam-se os critérios propostos em Gonçalves (2002), Gonçalves & Costa (2002) ou Lunguinho (2011).



- (7) * O João ouviu música para o quarto.
- (8) Dois deles envolvem os lisboetas Sporting e Benfica: as «águias» vão até Vila do Conde defrontar o Rio Ave e os «leões» recebem em Alvalade os «estudantes» da Académica de Coimbra. (*CetemPúblico*, par=ext516085-des-92b-1)
- (9) * As «águias» defrontaram o Rio Ave até Vila do Conde.
- (10) Acompanhados ou sozinhos, vão a rir para suas casas. (adaptado de *CetemPúblico*, par=ext778757-pol-92a-1)
- (11) * Acompanhados ou sozinhos, riram para suas casas.

Em exemplos como (5) e (6), tanto a construção *ir* + Infinitivo quanto a estrutura *ir a* + Infinitivo se combinam, sem problemas, com um SP direcional (“para o quarto”). No entanto, tal como a agramaticalidade de (7) nos revela, esse Sintagma Preposicional é subcategorizado pelo verbo *ir* e não pelo predicado “ouvir música”, o que comprova que, nos exemplos em questão, é a direcionalidade inerente ao perfil lexical de *ir* a responsável pelo seu licenciamento. Observações semelhantes podem ser estendidas aos casos de (8)-(9) e (10)-(11).

Em contraste, nos contextos em que o processo de gramaticalização se encontra mais adiantado, este tipo de expressões direcionais não é tipicamente licenciado, como os exemplos seguintes deixam claro:

- (12) A Joana vai ser rica { * para casa / * até Lisboa }.
- (13) O meu manjerico vai florir { * para a varanda / * até à janela }.
- (14) O camião vai a estacionar { * para o passeio / * até ao parque }, quando começa a fazer um ruído estranho.

Por outro lado, requerendo a presença de uma trajetória, a forma lexical de *ir* impõe restrições significativas ao tipo de SN sujeito com que se pode combinar. Em particular, licencia apenas SNs que revelem a capacidade de deslocamento (ou seja, ostentando o traço [+móvel]), preferencialmente de cariz [+animado]. É este condicionalismo que parece estar na base do contraste entre a aceitabilidade de (15)-(16) face à total agramaticalidade de (17)-(18):

- (15) A corredora de 3000 metros todos os dias passa na sede do Comité Olímpico local para dizer que está bem e vai almoçar ao hotel *Holliday Inn*, o único sítio onde pode fazer uma dieta consentânea com a sua condição de atleta de alta competição. (*CetemPúblico*, par=ext457188-des-92b-2)
- (16) Pela calçada, a caminho da Porta de Mértola, vai a passar um cavaleiro trajado com o uniforme de oficial francês. (*CetemPúblico*, par=ext114099-clt-92b-1)
- (17) * A tília vai crescer rapidamente { ao / para o / até ao } jardim.
- (18) * O muro vai a desmoronar-se { para a / até à } cidade.

Pelo contrário, as formas gramaticalizadas de *ir* não parecem impor qualquer tipo de constrangimento ao SN sujeito com que coocorrem, como os exemplos seguintes nos sugerem:

- (19) Se for regada todos os dias, a tília vai crescer rapidamente.
- (20) O muro vai a desmoronar-se quando os bombeiros chegam e conseguem evitar a derrocada.

Os dados que acabámos de discutir parecem corroborar as observações, avançadas, por exemplo, por Rodrigues (2011) ou por Lunguinho (2011), de que, nas configurações em que *ir* preserva as suas propriedades lexicais, este se revela capaz de atribuir papel temático ao argumento externo com que se combina, e, em geral, projetar a sua grelha temática à estrutura frásica em que se insere, ao contrário do que sucede nas construções



em que se verifica a sua gramaticalização, em que somente o verbo pleno pode conferir papel temático aos argumentos representados na frase.

Com efeito, os exemplos que se seguem levam-nos a concluir que, quando *ir* ocorre como verbo com valor lexical, interfere decisivamente na atribuição de papéis temáticos aos argumentos envolvidos; apenas nos casos em que *ir* se encontra, de algum modo, gramaticalizado, é que permite manter, de forma integral, a grelha temática associada ao verbo no infinitivo.

- (21) A Maria vai desmaiar. (Experienciador)
- (22) * A Maria vai desmaiar à praia. / * A Maria foi desmaiar.
- (23) A humidade vai estragar a pintura da casa. (Causa)
- (24) * A humidade vai estragar a pintura da casa para a praia. / * A humidade foi estragar a pintura da casa.

A possibilidade de atribuição do papel temático de Experienciador em (21) ou de Causa em (23) aos argumentos na posição de sujeito demonstra que somente em estruturas em que *ir* sofreu um processo evidente de gramaticalização é que o verbo principal, no Infinitivo, tem a capacidade de projetar a sua grelha temática sem que se verifiquem interferências do semiauxiliar. Por outro lado, dado que *ir*, enquanto verbo lexical, não revela a capacidade de atribuir papel temático de Experienciador nem de Causa, frases como as de (22) e (24) ostentam um certo grau de anomalia semântica.⁴

Descrevendo situações de natureza dinâmica, as estruturas em que *ir* preserva as suas propriedades lexicais básicas revelam-se totalmente incompatíveis com a presença de predicções de cariz estativo:

- (25) * A Maria vai estar contente {para a / até à} praia.
- (26) * O Pedro vai gostar de linguística {para a / até à} Faculdade de Letras.
- (27) * Marcelo Rebelo de Sousa vai ser presidente {para o / até ao} Palácio de Belém.

Uma tal restrição em termos aspetuais não se verifica quando *ir* comparece em configurações em que o processo de gramaticalização se encontra mais adiantado, como os exemplos que se seguem nos comprovam:

- (28) Os Jogos Olímpicos para deficientes vão decorrer de 3 a 14 de Setembro em Barcelona e Portugal vai estar presente com uma comitiva de cerca de trinta atletas, entre os quais existem vários recordistas mundiais. (*CetemPúblico*, par=ext27210-des-92b-1)
- (29) A rapariga disse que sim com a cabeça, como quem diz, lá no bairro toda a gente vai gostar de conhecer esse movimento do senhor Manoel de Oliveira... realista e neo. (*CetemPúblico*, par=ext510857-nd-95b-4)
- (30) João Bénard da Costa salvou a semana: vai ser presidente da Cinemateca Portuguesa! (*CetemPúblico*, par=ext384876-nd-91a-2)

Finalmente, nos contextos em que *ir* preserva as suas propriedades lexicais básicas, parece não existir qualquer restrição no que respeita às suas possibilidades combinatórias com os diferentes tempos gramaticais

⁴ É interessante observar que, em certos casos em que *ir* conserva as suas propriedades lexicais de origem, ambos os verbos parecem poder projetar a sua grelha temática na estrutura frásica. Só assim se pode explicar a aceitabilidade de frases como (i):

- (i) O velho elefante foi morrer para a floresta.

Em exemplos como este, *ir* subcategoriza um argumento Tema afetado pelo movimento (mas que, como sucede na grande maioria das construções com *ir* lexical, exhibe propriedades até certo ponto próximas das de um Agente) enquanto *morrer* seleciona, de forma independente, um argumento com papel temático de Experienciador.



do Português. Nesse sentido, podemos encontrar, por exemplo, configurações em que surge, sem problemas, o Pretérito Perfeito do Indicativo ou o Mais-que-Perfeito do Indicativo, como ilustrado nos exemplos que se seguem:

- (31) No outro encontro, o Estrelas da Avenida foi vencer ao terreno da Académica por 86-71. (*CetemPúblico*, par=ext1188185-des-92a-1)
- (32) Disse que tinha ido buscar uma televisão e que as notas tinham caído no chão. (*CetemPúblico*, par=ext136396-soc-96a-2)
- (33) Como fizera já nas eliminatórias dos 200, correu no seu ritmo decidido, adiantou-se quanto baste e foi a travar nos últimos 60 metros. (*CetemPúblico*, par=ext141735-des-95b-1)
- (34) O homem, nervoso, foi a correr para o aeroporto com uma das suas melhores camisas, a cor de laranja e preta. (*CetemPúblico*, par=ext25233-soc-98a-2)

Por seu lado, as configurações em que *ir* se encontra num processo mais avançado de gramaticalização manifestam claras restrições em relação aos tempos gramaticais com que se combinam. Em particular, parecem apenas poder coocorrer com o Presente e com o Pretérito Imperfeito do Indicativo (cf. (35)-(36) e (39)-(40)), não se revelando compatíveis, por exemplo, com o Pretérito Perfeito ou com o Mais-que-Perfeito do Indicativo (cf. (37)-(38) e (41)-(42)):

- (35) A Maria vai ser médica.
- (36) A Maria ia ser médica, mas preferiu seguir veterinária.
- (37) * A Maria foi ser médica.
- (38) * A Maria tinha ido ser médica.
- (39) O ministro vai a falar, mas é subitamente interrompido pela assistência.
- (40) O ministro ia a falar, mas foi subitamente interrompido pela assistência.
- (41) * O ministro foi a falar, mas foi subitamente interrompido pela assistência.
- (42) * O ministro tinha ido a falar, mas {foi / fora} subitamente interrompido pela assistência.

Em síntese, os dados até aqui analisados permitem-nos confirmar a existência de um importante ponto de contacto que aproxima as construções *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo: tanto uma quanto outra podem ocorrer em contextos em que o verbo *ir* preserva uma grande parte das propriedades que caracterizam o seu conteúdo lexical de origem quanto em configurações em que a forma em causa se encontra numa fase mais adiantada do processo de gramaticalização e, nesse sentido, mais distante, em termos semânticos, do item lexical de que deriva.

3. Contrastes interpretativos entre *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo

Se, como vimos, *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo partilham propriedades comuns, são também muito evidentes os contrastes interpretativos que se observam entre estas duas construções. Vamos explorar alguns dos mais relevantes nas próximas subsecções deste trabalho.

3.1 Contrastes no contexto das construções integrando *ir* com valor lexical

Mesmo nas configurações em que *ir* preserva a maior parte das suas propriedades lexicais básicas inalteradas, podem ser observadas diferenças interpretativas relevantes entre as estruturas em que intervêm *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo.

No sentido de compreender melhor estas divergências, importa, antes de mais, chamar a atenção para o facto de o verbo *ir*, quando mantém as suas características lexicais de origem, se revelar capaz de introduzir



uma predicação autónoma (veja-se a discussão acerca da projeção de uma grelha temática própria na secção 2). Assumiremos, pois, que, neste género de configurações, tanto *ir* quanto o predicado infinitivo remetem para situações até certo ponto independentes, que aqui serão identificadas como Sit1 e Sit2.

Com estes pressupostos em mente, torna-se possível pôr em evidência uma diferença significativa entre as duas estruturas que aqui nos ocupam: enquanto no contexto de *ir* + Infinitivo se estabelece preferencialmente uma relação de precedência temporal entre a situação associada a *ir* e a situação associada ao verbo que o acompanha, i.e., Sit1 < Sit2 (cf. (43)-(44)), no caso de *ir a* + Infinitivo obtém-se primordialmente uma relação de simultaneidade entre a situação associada a *ir* e a situação associada ao verbo que com ele coocorre, i.e., Sit1 o Sit2 (cf. (45)-(46)).⁵

- (43) É um roubo tão bem elaborado que não há provas de nada, é o próprio que vai ao banco fazer os levantamentos. (Sit1 < Sit2) (*CetemPúblico*, par=ext18541-nd-97a-1)
- (44) O meu menino foi alugar um trenó (Sit1 < Sit2), enquanto eu e o meu marido fomos a um café da Torre beber qualquer coisa. (Sit1 < Sit2) (*CetemPúblico*, par=ext3734-soc-97a-1)
- (45) Já que o Governo está na estrada, Marcelo vai a correr, atrás do primeiro-ministro, na esperança de não o encontrar. (Sit1 o Sit2) (*CetemPúblico*, par=ext165049-opi-98a-1)
- (46) Em vez disso, ele desvia os olhos para uma visão irresistível – vai a passar o *Vauxall Corsa*. (Sit1 o Sit2) (*CetemPúblico*, par=ext1140206-nd-93a-2)

Assim, num exemplo como (43), parece evidente que a situação de “ir (ao banco)” precede temporalmente a de “fazer os levantamentos”. Pelo contrário, em (45), “ir” e “correr” desenrolam-se em perfeita simultaneidade.

Uma tal divergência interpretativa acarreta, como seria de esperar, importantes consequências ao nível aspetual.

Dado que na construção *ir* + Infinitivo se estabelece uma relação de sucessividade entre as situações envolvidas, não é previsível que existam restrições adicionais quanto ao tipo de evento que nela possa comparecer. Em contraste, ao impor uma relação de simultaneidade entre as eventualidades representadas, e tendo em conta que, no que respeita às suas propriedades lexicais, *ir* descreve uma situação necessariamente durativa, a estrutura *ir a* + Infinitivo ocasionará anomalia semântica no contexto de eventos pontuais que não possam ser iterados.

Assim, e desde que se encontrem reunidas todas as condições discutidas na secção 2, ambas as construções são perfeitamente aceitáveis no contexto de processos e de processos culminados, apesar das óbvias divergências interpretativas que entre elas se podem observar:

- (47) O João foi / vai correr (para o parque). (processo)
- (48) O João foi / vai a correr (para o parque). (processo)
- (49) O Pedro foi / vai ler o jornal (para a esplanada). (processo culminado)
- (50) O Pedro foi / vai a ler o jornal (para a esplanada). (processo culminado)

No entanto, quando tomamos em linha de conta as culminações, verificamos que apenas a construção *ir* + Infinitivo ocorre, sem problemas, com esta classe aspetual; *ir a* + Infinitivo, ao requerer uma relação de simultaneidade entre as eventualidades em questão, bloqueia a comparência de predicções pontuais, cujo traço [-durativo] entra em flagrante conflito com as propriedades lexicais de *ir*, nomeadamente no que diz respeito à sua duratividade. Os contrastes que se seguem parecem confirmar esta observação:

⁵ Vejam-se, a este respeito, as observações efetuadas por Brocardo & Correia (2012), que designam estas construções, na esteira de Bertinetto (2000), como “perambulativas”.



- (51) A Maria foi / vai até ao pomar colher uma maçã.
 (52) * A Maria foi / vai até ao pomar a colher uma maçã.
 (53) O João foi / vai fazer um furo na parede do escritório.
 (54) * O João foi / vai a fazer um furo na parede do escritório.⁶

3.2 Contrastes no contexto das construções integrando *ir* gramaticalizado

As divergências interpretativas observadas entre as construções que aqui estamos a investigar tornam-se ainda mais evidentes quando consideramos os contextos em que *ir* se encontra num processo mais adiantado de gramaticalização.

São, com efeito, bastante visíveis as diferenças, no que respeita ao comportamento linguístico manifestado, que se verificam entre as construções *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo. Destacamos, em seguida, as mais relevantes.

3.2.1 Possibilidades combinatórias com predicções estativas

Enquanto a estrutura *ir* + Infinitivo se combina, sem problemas, com qualquer classe aspetual de predicções, incluindo os diferentes tipos de estativos, a construção *ir a* + Infinitivo revela-se consistentemente incompatível com estados, como o contraste seguinte nos confirma:

- (55) Se Chirac escolher a rentabilidade eleitoral, vai ser difícil chegarmos a bom porto. (*CetemPúblico*, par=ext84840-pol-97a-2)
 (56) Preso pela primeira vez em 1951, é expulso da África do Sul e vai viver para Luanda, onde conhece Ilídio Machado e Higinio Aires de Almeida, nomes históricos do nacionalismo angolano. (*CetemPúblico*, par=ext59066-pol-92b-1)
 (57) Se alguém se preocupar, verdadeiramente, com a falta de rigor de *Mortal Kombat*, vai adorar este *Rise of the Robots*, concebido para aprender com os movimentos do jogador, de forma a que o oponente seguinte na lista seja, não um personagem totalmente pré-concebido mas uma figura capaz de responder – nos limites da inteligência artificial – à sabedoria do adversário humano. (*CetemPúblico*, par=ext1356725-nd-94b-1)
 (58) * Se Chirac escolher a rentabilidade eleitoral, vai a ser difícil chegarmos a bom porto.
 (59) * Preso pela primeira vez em 1951, é expulso da África do Sul e vai a viver para Luanda.
 (60) * Os espetadores {vão / iam} a adorar o concerto, quando um corte de energia {impede / impediu} a apresentação.

Sublinhe-se, de passagem, que, ao contrário do que sucede com a forma correspondente que retém os seus traços lexicais de origem, discutida na secção 3.1., *ir a* gramaticalizado é perfeitamente compatível com situações de natureza pontual não repetidas, como os exemplos que se seguem nos revelam. Este facto confirma, mais uma vez, a necessidade de estabelecer uma fronteira bem clara entre *ir a* + Infinitivo em que o verbo *ir* ostenta propriedades lexicais e *ir a* + Infinitivo em que se verificou um maior avanço no processo de gramaticalização.

- (61) A Maria vai a colher uma maçã quando o ramo se parte e ela cai num enorme buraco.

⁶ Sublinhe-se, no entanto, que, quando os eventos pontuais podem integrar estruturas de iteração, que, tal como proposto em Cunha (2006), os convertem em processos derivados, este tipo de restrição deixa, naturalmente, de se aplicar:

- (i) O *drone* vai fotografar as gaivotas na praia.
 (ii) O *drone* vai a fotografar as gaivotas na praia.



- (62) A Maria ia a colher uma maçã quando o ramo se partiu e ela caiu num enorme buraco.
 (63) O carro vai a chocar contra o muro, mas o motorista consegue travar a tempo.
 (64) O carro ia a chocar contra o muro, mas o motorista conseguiu travar a tempo.

3.2.2 (In)compatibilidades com adverbiais temporais prospetivos

Um outro aspeto que divide as construções *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo em contextos em que se observa um maior grau de gramaticalização prende-se com a sua compatibilidade face a certos adverbiais temporais. Assim, a estrutura *Ir* + Infinitivo combina-se, sem problemas, com adverbiais temporais que remetem para a localização futura das situações descritas (cf. (65)-(67)), ao passo que *ir a* + Infinitivo não parece tolerar facilmente a presença de expressões que se reportem à futuridade (cf. (68)-(70)):

- (65) Autarquias e várias associações do Alentejo vão entregar amanhã, na Assembleia da República, um documento, com milhares de assinaturas, onde exigem a «prosseção urgente do projecto do Alqueva». (*CetemPúblico*, par=ext451092-soc-93a-1)
 (66) A CGTP e a UGT vão manifestar-se em conjunto pela primeira vez no próximo dia 2 de Abril, em Lisboa, numa iniciativa de âmbito europeu convocada pela Confederação Europeia de Sindicatos (CES). (*CetemPúblico*, par=ext101486-soc-93a-1)
 (67) «Vamos beber champanhe no próximo ano em Lisboa». (*CetemPúblico*, par=ext7726-soc-95a-2)
 (68) * Autarquias e várias associações do Alentejo vão a entregar amanhã, na Assembleia da República, um documento, com milhares de assinaturas, onde exigem a «prosseção urgente do projecto do Alqueva».
 (69))* A CGTP e a UGT vão a manifestar-se em conjunto pela primeira vez no próximo dia 2 de Abril, em Lisboa.
 (70) # «Vamos a beber champanhe no próximo ano em Lisboa».⁷

3.2.3 O requisito da proximidade temporal

Finalmente, observamos que a construção *ir a* + Infinitivo, para ser interpretada, parece impor a presença de uma segunda eventualidade, com a qual estabelece uma relação obrigatória de “proximidade” temporal:

- (71) O ministro ia a falar no Parlamento Europeu, mas os manifestantes impediram que subisse ao palco.
 (72) * O ministro ia a falar no parlamento europeu, mas perdeu o avião para Estrasburgo.
 (73) O Pedro ia a assinar a escritura da casa nova, mas a caneta ficou sem tinta.
 (74) * O Pedro ia a assinar a escritura da casa nova, mas ficou desempregado.

Pelo contrário, a construção *ir* + Infinitivo, não só não requer a presença de uma segunda eventualidade para ser licenciada, como não manifesta qualquer requisito de proximidade temporal entre as situações envolvidas.

- (75) O ministro ia falar no Parlamento Europeu, mas os manifestantes impediram que subisse ao palco.
 (76) O ministro ia falar no parlamento europeu, mas perdeu o avião para Estrasburgo.
 (77) O Pedro ia assinar a escritura da casa nova, mas a caneta ficou sem tinta.
 (78) O Pedro ia assinar a escritura da casa nova, mas ficou desempregado.

⁷ Excluímos aqui leituras de tipo exortativo, que não serão exploradas no presente trabalho, mas em que *ir* parece manifestar grande parte das suas propriedades lexicais básicas.



Importa, pois, procurar uma explicação adequada para dar conta das assimetrias que acabámos de observar, o que passará pela consideração das divergências, em termos semânticos, que separam as duas estruturas que aqui estão em análise. É a esta questão que dedicaremos a próxima secção do presente trabalho.

4. Contributos para uma caracterização semântica das construções *ir a + Infinitivo* e *ir a + Infinitivo* em Português Europeu

Ao procederem a uma análise detalhada da construção *ir a + Infinitivo* do Espanhol, autores como Bravo Martín (2008) ou Moreno Burgos (2013, 2014) sugerem, em termos gerais, que a estrutura em causa revela um comportamento linguístico ambíguo entre uma leitura essencialmente temporal de localização das situações num intervalo futuro, tipicamente desencadeada pela presença de adverbiais temporais que remetem para a posterioridade, e uma interpretação aspetual que designam como *prospetiva*, responsável pelos valores de intencionalidade, de imediatez ou de iminência que, em sua opinião, a caracterizam semanticamente.

No sentido de melhor explicitarem esta diferença, recorrem a propostas como a de Klein (1994), que advoga um tratamento unificado para questões temporais e aspetuais.

Klein postula a existência de três intervalos relevantes para a computação temporal e aspetual das frases: UT (Utterance Time), o tempo da enunciação; ST (Situation Time), o tempo da situação; e TT (Topic Time), o tempo do foco, i.e., o intervalo que é focalizado ou posto em evidência pela predicação. Ao passo que o tempo da situação corresponde ao intervalo ocupado pela eventualidade encarada na sua totalidade, o tempo do foco é o intervalo a respeito do qual é feita uma asserção e serve, nesse sentido, para delimitar a parte da situação de que efetivamente se está a falar.

Assim, a relação entre o tempo da enunciação e o tempo do foco dá conta dos diferentes tipos de ordenação temporal; já a relação entre o tempo do foco e o tempo da situação descreve propriedades de natureza eminentemente aspetual, já que remete para a articulação entre o todo da eventualidade e as partes que são de facto postas em evidência pela estrutura predicativa.

Adaptando estes conceitos à descrição da construção *ir a + Infinitivo* do Espanhol, podemos dizer que a leitura puramente temporal de *ir a + Infinitivo* corresponderia à representação $UT < TT$ (tempo futuro) & $TT = TS$ (aspeto neutro). Quanto à leitura aspetual de *prospetividade* de *ir a + Infinitivo*, corresponderia à representação $TT = UT$ (tempo presente) & $TT < TS$ (aspeto *prospetivo*).⁸

O Português Europeu difere do Espanhol na medida em que não existe ambiguidade entre estas leituras numa mesma estrutura, mas, pelo contrário, parece que a cada uma das interpretações consideradas corresponde uma construção específica: *ir + Infinitivo* descreveria o tempo futuro (uma relação temporal de posterioridade); *ir a + Infinitivo* daria conta do aspeto *prospetivo* (uma relação aspetual entre diferentes partes da situação em apreço).

Antes, porém, de desenvolvermos esta nossa proposta e de prosseguirmos com a avaliação das consequências que a sua adoção acarreta, importa redefinir o conceito de aspeto *prospetivo* que aqui iremos assumir.

Em alternativa ao tratamento de Klein (1994) anteriormente apresentado, parece-nos preferível conceber o aspeto *prospetivo* como a focalização de uma fase (ou estado) pré-preparatória associada à situação descrita, tal como concebida por Moens (1987), por Moens & Steedman (1988) ou por Cunha (2004).⁹

⁸ Uma ambivalência semelhante parece existir na estrutura inglesa correspondente, *be going to + Infinitivo*. Na verdade, enquanto autores como Brisard (2001) ou Wada (2009) defendem que *be going to* incorpora a informação de sobreposição ao momento da enunciação no seu conteúdo semântico, funcionando, assim, como um operador aspetual de *prospetividade*, que, no entanto, pertence ao domínio do presente, tal como concebido por Declerck (1991), linguistas como Haegeman (1989) ou Nicolle (1998) assumem que esta construção se comporta como um verdadeiro tempo do futuro, não sendo a relevância no presente mais do que a consequência de certos efeitos pragmáticos que lhe estão associados e que resultariam da competição com a forma *will*.

⁹ Uma abordagem equivalente, embora com base em pressupostos bastante distintos, defende a consideração de uma designada fase iminencial (cf. Barroso, 1994; 1997), que corresponderia ao estado pré-preparatório que aqui estamos a propor.



A adoção de uma linha de análise deste género apresenta algumas vantagens quando comparada com propostas como as desenvolvidas por Klein (1994), na medida em que dá conta, de forma bastante mais transparente, de certas restrições aspetuais e modais que acompanham a construção de que aqui nos ocupamos.

Assim, a consideração da existência de uma fase preliminar associada à construção *ir a* + Infinitivo permite explicar adequadamente as restrições aspetuais observadas, em particular a agramaticalidade no contexto de predicacões estativas: dado que os estados são completamente uniformes, i.e., não apresentam uma estrutura composta inerente, não admitem a presença de fases diferenciadas no seu perfil temporal interno. Esta plena homogeneidade explicaria a incompatibilidade de *ir a* + Infinitivo com a referida classe aspetual, já que a introdução de uma fase preliminar implicaria uma organização interna complexa para a situação em causa.

Por outro lado, um tratamento como o que estamos a propor permite compreender melhor as interpretações modais associadas à construção em estudo, sobretudo aquelas em que a eventualidade de origem acaba por não se atualizar: ao perspetivar unicamente a fase pré-preparatória, *ir a* + Infinitivo não compromete o falante com a realização efetiva da situação propriamente dita, já que a asserção é feita unicamente em relação a um estado prévio que a ela poderá (ou não) conduzir.

Tendo em conta todas estas considerações, estamos, finalmente, em condições de apresentar a nossa hipótese para dar conta dos dados do Português Europeu discutidos na secção 3.2:

- (i) A construção *ir* + Infinitivo descreve uma relação temporal de posterioridade de uma dada situação em relação ao momento da enunciação, i.e., exprime, semanticamente, o tempo futuro.
- (ii) A construção *ir a* + Infinitivo introduz uma fase pré-preparatória que antecede imediatamente um dado evento, constituindo-se, assim, como parte integrante da sua estrutura temporal interna, i.e., dá conta do aspeto prospetivo.

No sentido de validar a hipótese que acabámos de expor, impõe-se avaliar a sua adequação aos dados empíricos observados: será este tratamento capaz de acomodar as divergências que verificámos existirem entre *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo?

A resposta a esta questão parece ser positiva. Vejamos em que medida.

Iniciaremos a nossa discussão com a estrutura *ir* + Infinitivo, que, como dissemos, exprime uma relação temporal de futuro.

Ora, uma primeira consequência desta abordagem será que, ao estabelecer uma relação puramente temporal de posterioridade, a construção *ir* + Infinitivo não interfere com as propriedades aspetuais das situações com que se combina, não manifestando, por conseguinte, qualquer tipo de restrição ao nível das classes aspetuais das eventualidades a que se associa – como vimos, surge, sem quaisquer problemas, com todos os tipos de estados e de eventos, não se verificando distinções assinaláveis a este respeito.

Por outro lado, ao projetar as eventualidades com que coocorre num intervalo futuro, a construção *ir* + Infinitivo revela-se sempre compatível com as expressões adverbiais que denotam posterioridade, tal como os exemplos (65)-(67), aqui repetidos, por comodidade, como (79)-(81), nos confirmam.

- (78) Autarquias e várias associações do Alentejo vão entregar amanhã, na Assembleia da República, um documento, com milhares de assinaturas, onde exigem a «prosseção urgente do projecto do Alqueva». (*CetemPúblico*, par=ext451092-soc-93a-1)
- (79) A CGTP e a UGT vão manifestar-se em conjunto pela primeira vez no próximo dia 2 de Abril, em Lisboa, numa iniciativa de âmbito europeu convocada pela Confederação Europeia de Sindicatos (CES). (*CetemPúblico*, par=ext101486-soc-93a-1)
- (81) «Vamos beber champanhe no próximo ano em Lisboa». (*CetemPúblico*, par=ext7726-soc-95a-2)

Finalmente, tendo em conta que as relações temporais que estabelece se encontram essencialmente dependentes da ordenação entre intervalos de tempo (e não forçosamente entre situações), a construção *ir* +



Infinitivo não está sujeita a qualquer tipo de restrição adicional de proximidade em relação a estados de coisas com que eventualmente possa interagir, revelando-se a sua localização temporal, por conseguinte, relativamente independente das restantes eventualidades que surgem no seu contexto de ocorrência.¹⁰

Também no que respeita à estrutura *ir a* + Infinitivo, a consideração da emergência de um estado pré-preparatório relativamente à situação descrita pelo verbo no Infinitivo parece poder explicar adequadamente os diversos comportamentos observados.

Nessa medida, é possível defender que, ao introduzir uma fase pré-preparatória na estrutura temporal interna das situações a que se aplica, a construção *ir a* + Infinitivo requer que estas manifestem uma constituição fásica intrínseca, o que exclui, à partida, as predicções de cariz estativo, que, como já referimos anteriormente, são inerentemente homogêneas. Os exemplos (82)-(84) comprovam esta nossa previsão:

- (82) * Se Chirac escolher a rentabilidade eleitoral, vai a ser difícil chegarmos a bom porto.
- (83) * Preso pela primeira vez em 1951, é expulso da África do Sul e vai a viver para Luanda.
- (84) * Os espetadores {vão / iam} a adorar o concerto, quando um corte de energia {impede / impediu} a apresentação.

Também a dificuldade de coocorrência de *ir a* + Infinitivo com expressões que, de alguma forma, remetem para o futuro parece poder ser facilmente explicada pela análise que aqui estamos a propor. Tendo em conta que a construção *ir a* + Infinitivo veicula informação de índole essencialmente aspetual, assumiremos que a localização temporal das predicções envolvidas é tipicamente fornecida pelos tempos gramaticais que surgem na frase. Assim, por exemplo, quando ocorre no Presente do Indicativo, *ir a* + Infinitivo descreve uma fase pré-preparatória que se sobrepõe ao ponto da fala; já quando se combina com o Pretérito Imperfeito, *ir a* + Infinitivo dá conta de uma fase preliminar que se sobrepõe a um Ponto de Perspetiva Temporal passado. Esta caracterização temporal permite justificar as restrições combinatórias de *ir a* + Infinitivo no Presente com os adverbiais temporais que remetem para a futuridade, ilustrada em (85)-(87), na medida em que a informação relevante é preferencialmente a de sobreposição do estado pré-preparatório ao momento da enunciação.¹¹

- (85) * Autarquias e várias associações do Alentejo vão a entregar amanhã, na Assembleia da República, um documento, com milhares de assinaturas, onde exigem a «prossecação urgente do projecto do Alqueva».
- (86) * A CGTP e a UGT vão a manifestar-se em conjunto pela primeira vez no próximo dia 2 de Abril, em Lisboa.
- (87) # «Vamos a beber champanhe no próximo ano em Lisboa».

Considerando que a fase pré-preparatória faz parte integrante da globalidade da estrutura temporal interna de uma dada eventualidade, não nos parece possível conceber a inserção de um intervalo de tempo entre a referida fase e as restantes porções temporais que constituem o todo da situação, i.e., existe um requisito de contiguidade entre os vários “componentes” que lhe dão corpo. Este facto pode ajudar a compreender as restrições, em termos de proximidade, que se observam nas construções envolvendo *ir a* + Infinitivo, tal como ilustrado nos exemplos que a seguir apresentamos:

- (88) O ministro ia a falar no Parlamento Europeu, mas os manifestantes impediram que subisse ao palco.
- (89) * O ministro ia a falar no parlamento europeu, mas perdeu o avião para Estrasburgo.
- (90) O Pedro ia a assinar a escritura da casa nova, mas a caneta ficou sem tinta.

¹⁰ Salvaguardados, naturalmente, todos os princípios gerais que regem a organização temporal dos discursos.

¹¹ Recorde-se que, tal como defendido em Cunha (2004), a leitura preferencial do Presente do Indicativo com estados é a de “presente real”, havendo restrições quanto a interpretações futurativas do referido tempo gramatical neste tipo de contextos.



(91) * O Pedro ia a assinar a escritura da casa nova, mas ficou desempregado.

Se, como referimos atrás, a construção *ir a* + Infinitivo descreve um estado pré-preparatório conducente a uma dada eventualidade, só poderá surgir em contextos em que, de uma forma ou de outra, esteja acessível um período de tempo contíguo em que seja identificada a situação a que se encontra conectada, dando origem às designadas leituras iminentes, tal como foram apresentadas por Bravo Martín (2008) ou por Moreno Burgos (2014).

Uma frase como (88) fornece um contexto propício a este género de interpretação, uma vez que a situação de “o ministro falar no Parlamento Europeu” pode ser concebida como prestes a suceder. Pelo contrário, o nosso conhecimento do mundo parece impedir que um exemplo como (89) receba uma leitura semelhante: com efeito, a presença do ministro no aeroporto é tipicamente incompatível com a iminência do seu discurso no Parlamento Europeu, o que explicaria a inadequação do recurso a uma fase preliminar nestas condições.

Finalmente, se considerarmos que a construção *ir a* + Infinitivo focaliza unicamente a porção prévia à ocorrência de uma dada situação, nada nos dizendo sobre a sua efetiva concretização, podemos compreender a tendência que esta estrutura manifesta para veicular valores modais de “não realização” das eventualidades envolvidas:

- (92) Foi uma sorte encontrá-lo, porque já ia a sair. (*CetemPúblico*, par=ext16757-soc-93a-2)
- (93) Lembro-me de me cruzar na rua com uma cara conhecida e, quando a ia a cumprimentar, perceber que era um dos pides que estivera nos meus interrogatórios. (*CetemPúblico*, par=ext31920-soc-93a-1)
- (94) Face ao meu pedido de bilhetes – perfazendo um total de 40 contos – e quando ia a passar um cheque do meu banco, foi-me dito que não, que tinha de pagar em dinheiro. (*CetemPúblico*, par=ext63042-opi-98a-1)
- (95) O treinador do Rio Ave considerou mesmo «determinante» para o jogo uma falta sobre Baíca, quando «se ia a isolar» e o resultado era 0-0. (*CetemPúblico*, par=ext214682-des-97a-1)

Em contraste, a estrutura *ir* + Infinitivo no Imperfeito do Indicativo, embora possa, igualmente, descrever situações cuja ocorrência não se verificou, dada a imprevisibilidade associada à expressão da futuridade, revela-se, no entanto, também capaz de dar conta de eventualidades que tiveram, de facto, lugar num intervalo posterior ao tempo do passado que lhe serve de Ponto de Perspetiva Temporal.

- (96) Boskov tinha dito que lhe ia dar três oportunidades e tiraria conclusões, mas o mais certo é que já não defronte o Boavista. (*CetemPúblico*, par=ext4654-des-94b-2)
- (97) Depois de ter procurado contestar essa afirmação, o poder central acabou por prometer que ia pôr em prática um «plano de emergência», o que até hoje, segundo o seu adversário, não aconteceu. (*CetemPúblico*, par=ext7969-pol-93a-1)
- (98) Na época, poucos eram os que pensavam que esta guerra ia revelar a impotência europeia para impor o respeito pelos seus próprios princípios. (*CetemPúblico*, par=ext4244-pol-93a-1)
- (99) «Andava ali à pesca e, quando senti o gajo a ‘ganir’, os pneus a ‘chiar’ no asfalto, vi logo o que ia acontecer», relatou por seu lado um pescador, acrescentando que a viatura bateu na muralha antes de cair e deslizar sobre as pedras da praia, imobilizando-se uma centena de metros depois. (*CetemPúblico*, par=ext12509-soc-98a-1)

Se com *ir a* + Infinitivo a leitura preferencial é a de não ocorrência das situações descritas (cf. (92)-(95)), *ir* + Infinitivo é muito mais flexível a este respeito: a eventualidade pode não ter, de facto, sucedido, como em (97); podem subsistir algumas dúvidas sobre a sua realização, como em (96), ou pode ter mesmo sido concretizada, como em (98)-(99).



Os dados que acabámos de discutir permitem-nos concluir que (i) no Português Europeu, *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo, quando integram configurações em que se verificou um maior grau de gramaticalização, exibem propriedades semânticas bastante distintas e que (ii) enquanto *ir* + Infinitivo remete para a localização temporal futura das situações com que se combina, *ir a* + Infinitivo introduz um estado prévio que se associa à estrutura interna da eventualidade descrita pela predicação, veiculando informação aspetual de prospetividade.

5. Considerações finais

Embora muito próximas em termos morfossintáticos, as construções *ir* + Infinitivo e *ir a* + Infinitivo, em Português Europeu, revelam, contudo, comportamentos semânticos claramente distintos.

No que respeita aos pontos de contacto que as unem, constatámos que ambas podem ocorrer com o verbo *ir*, tanto em contextos em que é preservada uma grande parte das suas propriedades lexicais de origem, quanto em configurações em que este se encontra numa fase mais adiantada do processo de gramaticalização.

Apesar disso, subsistem diferenças notórias, ao nível do comportamento linguístico e do significado, que importa tomar em consideração.

No que diz respeito às formas que conservam informação lexical relevante, pudemos observar que se verificam diferenças significativas ao nível da ordenação temporal entre as situações descritas: enquanto a construção *ir* + Infinitivo favorece uma relação de sucessividade, a estrutura *ir a* + Infinitivo parece requerer uma relação de simultaneidade.

As divergências são ainda mais consideráveis quando nos debruçamos sobre as estruturas em que *ir* se encontra num estágio mais avançado de gramaticalização. No caso de *ir* + Infinitivo, e tal como tem sido proposto na literatura (cf. Rodrigues, 2011; Oliveira, 2013; Cunha, 2015, 2016), estaremos perante um operador temporal que localiza as eventualidades num intervalo futuro. Já em *ir a* + Infinitivo, os dados aqui discutidos parecem apontar inequivocamente para um tratamento que considere esta perífrase como um operador aspetual que introduz uma fase ou estado pré-preparatório, podendo ser, por conseguinte, encarado como um marcador de aspeto prospetivo.

6. Referências

- Barroso, Henrique (1994) *O aspecto verbal perifrástico em Português contemporâneo: visão funcional / sincrónica*. Porto: Porto Editora.
- Barroso, Henrique (1997) O aspecto de fases em português contemporâneo. In Ramón Lorenzo Vázquez (cord.), *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filología Románicas*, Vol. 1 (Sección I, Lingüística teórica e lingüística sincrónica). A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, pp. 333-348.
- Bertinetto, Pier Marco (2000) The progressive in Romance, as compared with English. In Östen Dahl (ed.) *Tense and aspect in the languages of Europe* (Empirical approaches to language typology 20). Berlin / Nova York: Mouton de Gruyter, pp. 559–604.
- Bravo Martín, Ana (2008) *La perífrasis "ir a + Infinitivo" en el sistema temporal y aspectual del Español*. Dissertação de Doutoramento, Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- Brisard, Frank (2001) *Be going to*: an exercise in grounding. *Journal of Linguistics* 37 (2), pp. 251-285.
- Brocardo, Maria Teresa, & Clara Nunes Correia (2012) *Ir* + gerúndio em Português – aspetos sincrónicos e diacrónicos. In *Textos seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 121-135.
- Cunha, Luís Filipe (2004) *Semântica das predicções estativas: para uma caracterização aspetual dos estados*. Dissertação de Doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto



- Cunha, Luís Filipe (2006) Frequência vs. habitualidade: distinções e convergências. In *Actas del XXXV Simpósio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*. León: Sociedad Española de Lingüística, pp. 333-357. Disponível on-line em <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas/Cunha.pdf>
- Cunha, Luís Filipe (2015) Some remarks on the semantics of *ir* ('Go') + Infinitive in European Portuguese. *Journal of Advances in Linguistics*, 5 (3), pp. 787-804.
- Cunha, Luís Filipe (2016) Algumas peculiaridades da construção *ir* + Infinitivo em Português Europeu. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 1 (1), pp. 233-258.
- Declerck, Renaat (1991) *Tense in English: its structure and use in discourse*. Londres / Nova York: Routledge.
- Fleischman, Suzanne (1982) *The future in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gonçalves, Anabela (2002) Verbos auxiliares e verbos de reestruturação do Português Europeu. In Isabel Margarida Duarte, Joaquim Barbosa, Sérgio Matos e Thomas Hüsgen (eds.), *Actas do encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Vol. 2. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 45-57.
- Gonçalves, Anabela & Teresa Costa (2002) *(Auxiliar a) compreender os verbos auxiliares do Português – descrição e implicações para o ensino do Português como língua materna*. Lisboa: Colibri / Associação de Professores de Português.
- Haegeman, Liliane (1989) *Be going to and will: a pragmatic account*. *Journal of Linguistics* 25 (2), pp. 291-317.
- Hopper, Paul J., & Elizabeth Closs Traugott (2003) *Grammaticalization* (2nd ed., Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press.
- Klein, Wolfgang (1994) *Time in language*. Londres / Nova York: Routledge.
- Leal, António & Fátima Oliveira (2008) Subtipos de verbos de movimento e classes aspectuais. In M. Lobo e M. A. Coutinho (Orgs.), *Atas do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 287-298.
- Leal, António, Fátima Oliveira & Purificação Silvano (2018) Path scales: directed-motion verbs, prepositions and telicity in European Portuguese. In D. Ayoun, A. Celle e L. Lansari (Eds.), *Tense, aspect, modality and evidentiality: cross-linguistic perspectives*. Amesterdão: John Benjamins, pp. 333-354.
- Lima, José Pinto de (2001) Sobre a génese e a evolução do futuro com *ir* em Português. In Augusto Soares da Silva (org.), *Linguagem e cognição. A perspectiva da linguística cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística / Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga, pp. 119-145.
- Linguinho, Marcus Vinicius da Silva (2011) *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios Não-finitos*. Dissertação de Doutoramento, São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Moens, Marc (1987) *Tense, aspect and temporal reference*. Dissertação de Doutoramento, Edimburgo: Universidade de Edimburgo.
- Moens, Marc & Mark Steedman (1988) Temporal ontology and temporal reference. *Computational Linguistics* 14, pp. 15-28.
- Moreno Burgos, Juan, (2013) *Estatividad y aspecto gramatical*. Dissertação de Doutoramento, Regensburg: Universität Regensburg.
- Moreno Burgos, Juan (2014) La expresión de la posterioridad en Español. *Lenguas Modernas* 44 (1), pp. 81-102.
- Nicolle, Steve (1998) *Be going to and will: a monosemous account*. *English Language & Linguistics* 2 (2), pp. 223-244.
- Oliveira, Fátima (2013) Tempo verbal. In Eduardo Paiva Raposo *et al.* (orgs.), *Gramática do Português*, Vol I, Cap. 15. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 509-553.
- Rodrigues, Alex de Britto, (2011) Traços de tempo e aspecto e subespecificação morfológica do auxiliar “*ir*” em construções no futuro do presente e no futuro do pretérito. *Revista de Estudos da Linguagem* 19 (2), pp. 215-239.
- Wada, Naoaki (2009) The present progressive with future time reference vs. *be going to*: is Doc Brown going back to the future because he is going to reconstruct it? *English Linguistics* 26 (1), pp. 96-131.

